

A luta incessante por visibilidade e representatividade pelas urnas

Mesmo sendo uma das cidades com mais negros do Brasil, Rio elegeu só quatro vereadores pretos

Novembro é o mês da Consciência Negra, celebrada dia 20 (ontem), em menção à data da morte de Zumbi dos Palmares, ocorrida em 1695. No último dia 15, a população carioca, composta por 53,15% de pretos e pardos — de acordo com os dados do IBGE — elegeu 51 vereadores que vão representar quase 12 milhões de moradores da cidade. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), este ano o município do Rio de Janeiro teve 1.763 candidaturas aptas. Destas, 422 foram de pessoas autodeclaradas pretas. No entanto, apenas quatro vereadores pretos foram eleitos: Tainá de Paula (PT), Thaís Ferreira (Psol), Márcio Santos de Araújo (PTB) e João Mendes de Jesus (Republicanos).

Este é o retrato da ‘democracia racial’ de um país em que apenas 44% das Câmaras municipais são ocupadas por pessoas negras. Para se ter ideia, na eleição para vereador de 2016, 267 candidatos se autodeclararam pretos e apenas uma foi eleita, Marielle Franco (PSOL), assassinada em 2018.

Para o doutor em História Comparada, pesquisador e escritor, Ivanir dos Santos, esse crescimento de um para quatro pretos eleitos ainda está muito longe do ideal.

Rio teve 422 candidatos para a Câmara pretos, mas apenas quatro foram eleitos

“Por mais que esse número tenha crescido, a representação ainda é minúscula para enfrentar as estruturas racistas da sociedade. Como criar um diálogo mostrando que quem ganha é o conjunto da sociedade e não só os negros? Esse aumento dá espaço, é importante, mas ainda é insuficiente. A hegemonia permanece nas instituições e as estruturas de controle continuam nas mãos dos brancos”, explica.

Para tentar mudar esse cenário, Ivanir aponta um caminho: “A construção de um partido de hegemonia negra, construído a partir da experiência desse grupo social, pode ser interessante. Ressalto que ele não pode ser exclusivista, é justamente o que não leva para a frente algumas iniciativas atuais. Às vezes a vaidade entre nós mesmos nos dificulta. É preciso uma visão ampla na cultura, educação, além de dialogar e incorporar outros setores”.

Ivanir exalta as conquistas das últimas décadas. “Minha geração é vitoriosa, porque conseguiu traduzir a luta centenária do povo negro em direitos e políticas públicas, como a lei de cotas, por exemplo. Esse foi o nosso legado: mais jovens negros nos espaços públicos, no ensino superior. As próximas gerações têm que buscar aumentar esses direitos, entrar no espaço político, no Judiciário, na docência universitária”, conclui.

Reportagem dos estagiários **André Arraes e Thayná de Souza**, sob supervisão de **Marco Antonio Canosa**



Thaís Ferreira (Psol) foi eleita vereadora



Ivanir: estruturas de controle continuam com os brancos



Giovanni: avanços na luta por posições de poder



Tainá de Paula (PT) está entre os quatro eleitos para o Legislativo

OPINIÃO

“Teremos um avanço no enfrentamento ao racismo”

■ Na opinião do fundador da Incubadora Afro Brasileira, ex-secretário nacional e ex-secretário executivo de Políticas de Ações Afirmativas da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR), Giovanni Harvey, houve avanços na luta dos negros pelo alcance nas posições de poder. Segundo ele, ao longo dos

últimos anos, mesmo com uma reação da porção conservadora da sociedade, que acabou fortalecendo posições racistas nas eleições de 2018, houve melhora. “Estamos testemunhando um inédito fortalecimento da agenda de enfrentamento do preconceito e à discriminação na base da sociedade brasileira. Tenho a impressão de que as pessoas estão tomando para si a responsabilidade de enfrentar

algo que negligenciaram no passado ou, quando muito, atribuíram a responsabilidade pelo enfrentamento destas desigualdades exclusivamente ao Estado”, avalia Harley, que complementa: “Caso esta tendência se mantenha nos próximos anos nós teremos um grande avanço no enfrentamento do racismo estrutural e dos privilégios da ‘branquitude’”.

Racismo institucional e violência política de gênero

► Uma das candidatas eleitas no pleito deste ano foi Thaís Ferreira (Psol), de 32 anos. Segundo ela, os maiores desafios em ser uma mulher negra na política são o racismo institucional e a violência política de gênero. “Se manifestam das mais diversas formas e em todos os espaços. Ser uma mulher negra, periferica, mãe e estar eleita é reafirmar que mesmo com todas as investidas perversas que nos atravessam, seguiremos vivas e nos levantando. Para além da força da representatividade, que sim importa e muito, é também entender a importância da continuidade,

a grande missão é honrar os legados de luta que nos foram deixados por todas aquelas que vieram antes de nós e que já se foram lutando por nós, para que as que virão depois consigam chegar cada vez mais longe”, declarou. Mãe três vezes, Thaís, que é especialista em saúde da mulher e políticas para as Infâncias, acredita que as leis precisam vir também das mãos de quem já pariu. “Minha atuação parlamentar será focada em garantir dignidade desde o começo da vida, garantindo apoio para que a maternidade, a paternidade e a parentalidade possam acontecer de forma saudável para todos”, diz.